

FBAUP/ MDGPE

*Beatriz Martínez,  
Carolina Ferreira  
& Daniela Oliveira*

# Antoinette



*Beatriz Martinez,  
Carolina Ferreira  
& Daniela Oliveira*

# Antoinette

*Título*

Antoinette

*Edição*

Beatriz Martinez, Carolina Ferreira & Daniela Oliveira

*Concepção Gráfica*

Beatriz Martinez, Carolina Ferreira & Daniela Oliveira

*Tipo de Letra*

Antoinette

*Edição Única*

Porto, 12 de junho de 2023

* Conceito	7
* Processo de desenvolvimento	8—9
* Anatomia da letra	10—11
* Ligaduras	12—13
* Características	14—47
* Mapa de caracteres	48—49

Formas boleadas

Clásica

Intemporal

Elegante

Delicada

# Conceito

A Antoinette é uma família tipográfica original baseada nas formas da fonte Garamond. A família é constituída por duas fontes, a Antoinette Regular e a Antoinette Slant. O seu desenho foi moldado de acordo com o seu destino. O seu uso ideal será em tamanhos pequenos como os de um texto corrido como este, mas a atenção ao detalhe na sua construção permite espaço para

variação, adaptando-se assim a uma variedade de trabalhos editoriais. Segundo o sistema de classificação VOX-ATyp1, Antoinette é uma família Garalde, também chamada de Aldina. Apresenta contrastes pronunciados, um eixo inclinado e uma altura de x mais baixa quando comparada com aquela das fontes Modernas. Antoinette é versátil, harmoniosa, intemporal, elegante e delicada.

# Antoinette

Com o apoio de uma publicação impressa em fonte Garamond antes da década de 80 do século XX e a adaptação digital da fonte Garamond, lançada em 1989 pela Adobe, a Antoinette começou a ser desenvolvida. Os primeiros caracteres a serem desenhados foram os caracteres de controlo “n” e “o” em caixa baixa, para

definir alturas, espessuras de traço, curvas e serifas. Após três tentativas, chegamos à nossa solução final para a variação Regular e após a sua finalização foi acrescentada uma nova variação, a Slant.

Mantendo vários aspetos em comum com as fontes de inspiração, acrescentamos



# inette

pequenos detalhes originais como o redesenho da morfologia das serifas e a uniformização da anatomia da letra por todos os caracteres. Foram introduzidos quatro novos caracteres, as ligaduras ff, fr, ft e tt, motivadas pela função da família em poder ser usada para escrever em dois idiomas, português e inglês.

# Anatomia da letra

ombro

altura de x

h

x

K

serifa mistiforme  
em esporão

contraste acentuado

T

a

C

remate

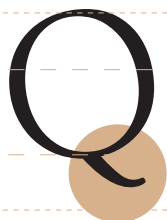
eixo oblíquo

Antoinette é um tipo de letra de morfologia singular. A espessura dos traços, terminações, serifa, altura de x, entre outras características foram adaptadas para proporcionar conforto de leitura. No gráfico abaixo é possível observar essas características.

serifa angular



esporão



cauda

armadilha de tinta



orelha



serifa em copa



olho aberto



# Ligaduras

Antoinette é um tipo de letra de morfologia singular. A espessura dos traços, terminações, serifas, altura de x, entre outras características foram adaptadas para proporcionar conforto de leitura. No gráfico abaixo é possível observar essas características.

Antoinette destina-se à escrita nos idiomas português e inglês. A criação das ligaduras abaixo mostradas é resultado dessa função. Facilitam a leitura e conferem elegância ao texto.

ff

coffee

fi

figura

fl

floreado

fr

framboesa

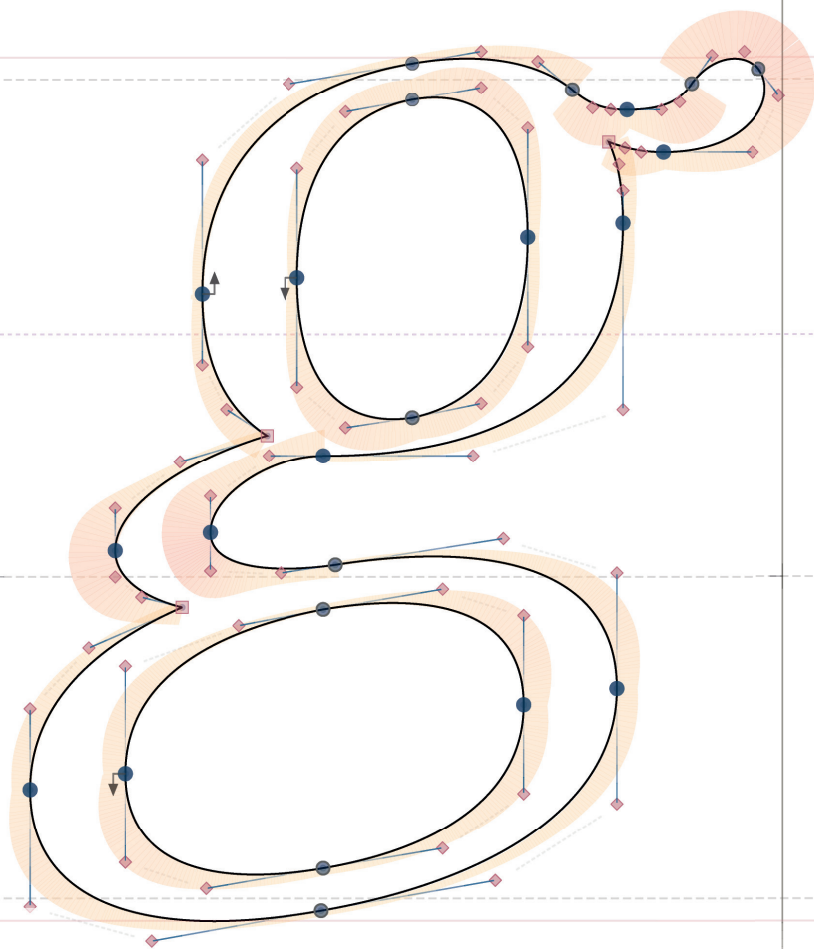
ft

soft

tt

Antoinette

n



# Características

altura de x menor,  
quando comparada com  
fontes Modernas

formas  
suavisadas




uniformização  
dos detalhes

terminações  
boleadas

Elegante e delicada, Antoinette destina-se a corpos de texto reduzidos, mas com cada detalhe desenhado ao pormenor, adquire a versatilidade de poder ser também usada em tamanhos maiores, adaptando-se a uma variedade de projetos editoriais.





A

ntoinette

A B C D

E F G H

I J K L

M N O P

Q R S T

U V W Y

X Z

a b c d

e f g h

i j k l

m n o p

q r s t

u v w y

x z

1

2

3

4

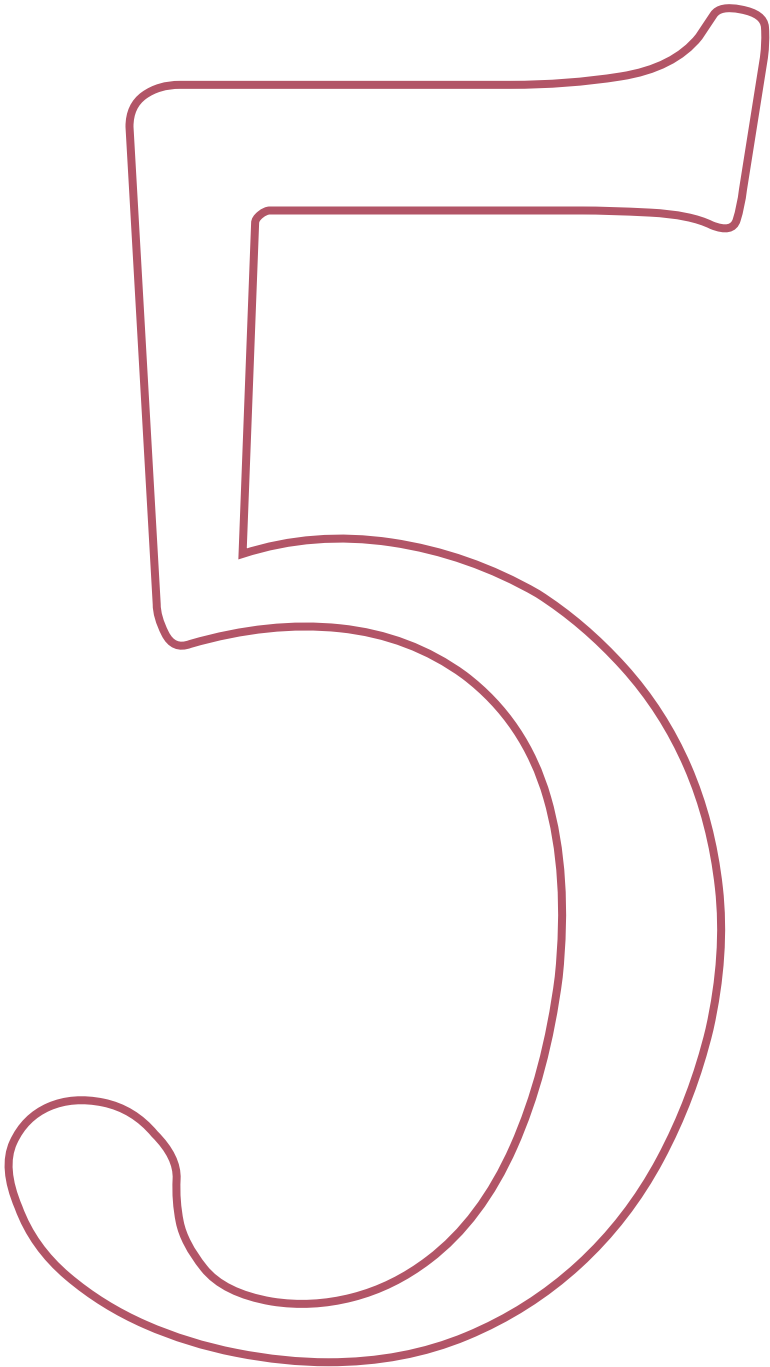
5

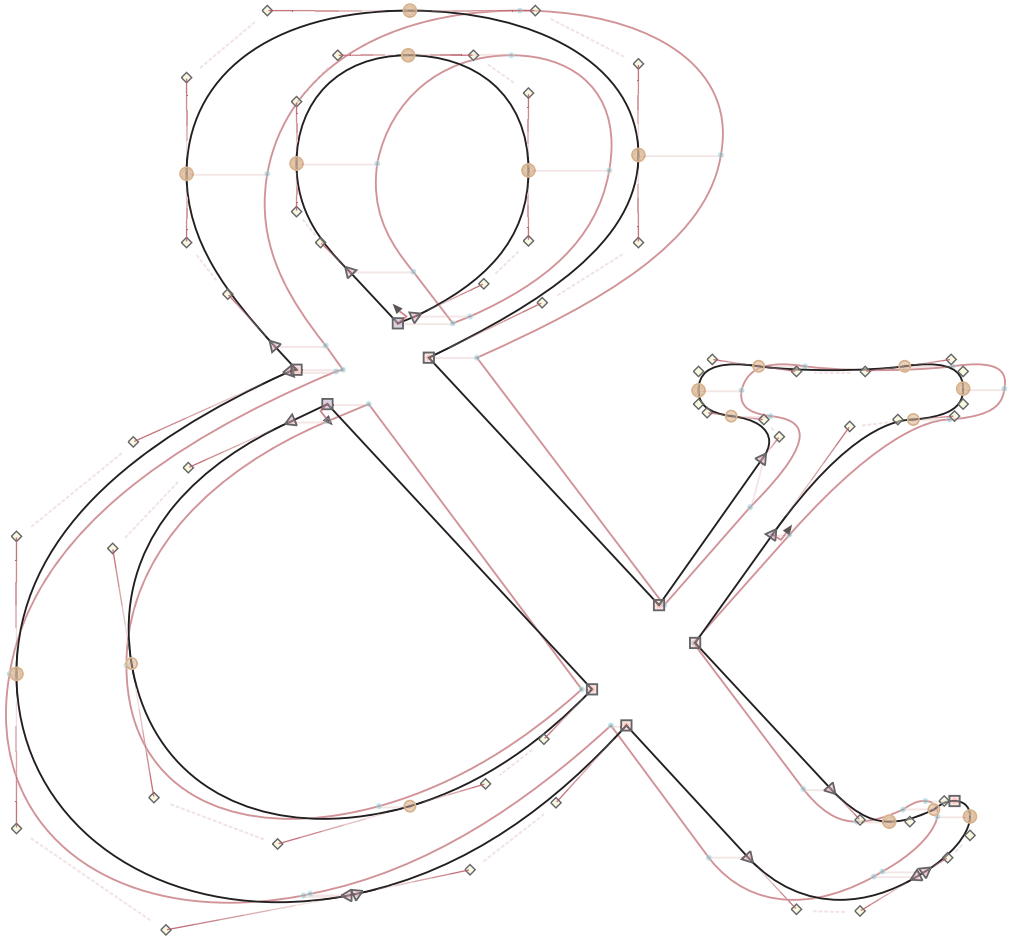
6

7

8

9





- ~ // \ \ : ; ! ?

# @ € & ( )

{ | } [ ] ‘ ’ “ ”

\_ — — — ∅ ...

< > << >> \ ^ / ‘ ’ ”  
5

+ \* ^ < = > % -

± × ÷ | ~ . , ”

A a

A a





30 pt

60 pt

88 pt

129 pt

88 pt

60 pt

30 pt

a a a a a a a

s s s S s s s

t t t t t t t

r r r r r r r

o o o O o o o

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

æ Æ œ ff Œ tt ft fr fi fl

à á â ã ç è é ê ì í î ï ò ó ô õ ù ú û Ä Å Æ Ã

14 pt

Ç È É Ê Ì Í Î Ï Ò Ó Ô Õ Ù Ú Û Ü

0123456789

- ~ / \ \ ; : ! ? # @ € & ( ) { | } [ ] ' ' " " \_ \_ \_

¤ ... < > « » ` ^ ´ , ’ ” + \* ^ < = > % - ± × ÷ | ~ . , ”

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

æ Æ œ ff Œ tt ft fr fi fl

à á â ã ç è é ê ì í î ï ò ó ô õ ù ú û Ä Å Æ Ã

12 pt

Ç È É Ê Ì Í Î Ï Ò Ó Ô Õ Ù Ú Û Ü

0123456789

- ~ / \ \ ; : ! ? # @ € & ( ) { | } [ ] ' ' " " \_ \_ \_

¤ ... < > « » ` ^ ´ , ’ ” + \* ^ < = > % - ± × ÷ | ~ . , ”

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

æ Æ œ ff Œ tt ft fr fi fl

à á â ã ç è é ê ì í î ï ò ó ô õ ù ú û Ä Å Æ Ã

10 pt

Ç È É Ê Ì Í Î Ï Ò Ó Ô Õ Ù Ú Û Ü

0123456789

- ~ / \ \ ; : ! ? # @ € & ( ) { | } [ ] ' ' " " \_ \_ \_

¤ ... < > « » ` ^ ´ , ’ ” + \* ^ < = > % - ± × ÷ | ~ . , ”

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

æ Æ œ ff Œ tt ft fr fi fl

à á â ã ç è é ê ì í î ï ò ó ô õ ù ú û Ä Å Æ Ã

8 pt

Ç È É Ê Ì Í Î Ï Ò Ó Ô Õ Ù Ú Û Ü

0123456789

- ~ / \ \ ; : ! ? # @ € & ( ) { | } [ ] ' ' " " \_ \_ \_

¤ ... < > « » ` ^ ´ , ’ ” + \* ^ < = > % - ± × ÷ | ~ . , ”

Att

Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram excelentes - mas ele desejava habitar sob tectos tradicionalmente seus; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lendas e agoiros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol. S. Ex.<sup>a</sup> mandava: - e, como esse inverno ia seco, as obras começaram logo, sob a direcção dum Esteves, architecto, político, e compadre de Vilaça.

Este artista entusiasmara o procurador com um projecto de escada aparatosa, flanqueada por duas figuras simbolizando as conquistas da Guiné e da Índia. E estava ideando também uma cascata de louça na sala de jantar - quando, inesperadamente, Carlos apareceu em Lisboa com um architecto-decorador de Londres, e, depois de estudar com ele à pressa algumas ornamentações e alguns tons de estofos, entregou-lhe as quatro paredes do Ramalhete, para ele ali criar, exercendo o seu gosto, um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio.

Vilaça ressentiu amargamente esta desconsideração pelo artista nacional; Esteves foi berrar ao seu Centro político que isto era um país perdido. E Afonso lamentou também que se tivesse despedido o Esteves, exigiu mesmo que o encarregassem da construção das cocheiras. O artista ia aceitar - quando foi nomeado governador civil.

Ao fim dum ano, durante o qual Carlos viera frequentemente a Lisboa colaborar nos trabalhos, «dar os seus retoques estéticos» - do antigo Ramalhete só restava a fachada tristonha, que Afonso não quisera alterada por constituir a fisionomia da casa. E Vilaça não duvidou declarar que Jones Bule (como ele chamava ao inglês) sem despendar despropositadamente, aproveitando até as antigualhas de Benfica, fizera do Ramalhete «um museu.» O que surpreendia logo era o pátio, outrora tão lóbrego, nú, lageado de pedregulho - agora resplandecente, com um pavimento quadrilhado de mármore brancos e vermelhos, plantas decorativas, vasos de Quimper, e dois longos bancos feudais que Carlos trouxera de Espanha, trabalhados em talha,

I.

O Ramalhete

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.

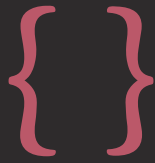
A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete.





Alma minha gentil, que te partiste

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida, descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a verte,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

*Luís de Camões*

A passagem do semi-heterônimo pessoano permite-nos iniciar a reflexão sobre o ensino da língua portuguesa, porque o seu ódio à “página mal escrita” e à “sintaxe errada” e a referência à ortografia, que “também é gente” convocam a escola e a sua responsabilidade no que ao ensino da língua concerne.

Como sabemos, quando uma criança entra na escola, já aprendeu, de forma espontânea e por mera imersão num determinado meio linguístico, a língua da sua comunidade.

A responsável por esta aquisição espontânea e natural é a famosa competência linguística inata de que falava Chomsky, ou a vocação para a linguagem que todo o ser humano possui. Mas se, ao iniciar o seu percurso escolar, a criança já fala e compreende enunciados orais, de acordo com o meio sociocultural e a variante diastrática na qual cresceu, é na escola que irá ter contacto com

outras variantes, eventualmente diferentes daquela que conhece, nomeadamente com o português padrão, a normal culta e escolarizada e com o português escrito, através da aprendizagem da leitura e da escrita. Aqui sim, estamos perante aprendizagem, dado que há uma intencionalidade de ensinar coisas novas à criança, num percurso que se desenha e se segue programadamente e, do outro lado, num esforço necessário para aprender novos fatos sobre a língua.

O salto cognitivo que a aprendizagem da leitura e depois da escrita significa é fundamental para o desenvolvimento do ser humano enquanto ser responsável e livre (ou seja: feliz), por isso é tão globalmente aceite a necessidade de se alfabetizarem todas as pessoas, como é necessária a vacinação, a água potável ou um mundo livre de minas antipessoais, a interrogação que escolhi para subtítulo intervenção.

Pode parecer então descabida, mas fui buscá-la, em parte, ao título de uma comunicação, num encontro realizado em Lisboa (Formar professores de português, hoje), depois da entrada em vigor dos Programas (aqui vocês dizem Parâmetros).

Em torno dela se pode orientar esta reflexão – é a de como ensinar àqueles meninos que não dominam o português da escola a falar com correção linguística e adequação pragmática, a compreender os discursos orais de outros falantes que utilizem a variante padrão (os professores, por exemplo), a lerem textos escritos cuja sintaxe se afasta da oralidade e cujo vocabulário é mais preciso, mais abstrato, mais vasto do que aquele pequeno mundo de 500 palavras que possuem e, sobretudo, como ensinar-lhes a escrever, sendo a escrita uma técnica tão difícil e complexa, que envolve competências tão variadas e finas como conhecer a relação fonemas /grafemas, as regras ortográficas.

10 pt.

*“Se a língua  
materna  
não se pode  
ensinar, que  
professores  
temos de  
formar?”*

— Maria Armanda Costa

ABCDEFGHIJKLMN O P

QRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnop

qrstuvwxyz

æ Æ œ ff Œ fr tt ft

à á â ã ç è é ê ì í î ï ò ó ô õ ù ú û Ä Á Â Ã

Ç È É Ê Ì Í Î Ï Ò Ó Ô Õ Ù Ú Û Ü

0123456789

~ / \ : ; ! ? # @ € & ( ) { | } [ ] " " " \_ \_ \_  
α ... < > « » ` ^ ' , f i f l " + \* ^ < = > % - ± × ÷ | ~ . , "

ABCDEFGHIJKLMNPO

QRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnop

qrstuvwxyz

æÆœffŒ fr tt ft

àáâãçèéêìíîòóôõùúûÀÁÂÃ

ÇÈÉÊËÌÍÎÒÓÔÕÙÚÛÛ

0123456789

~/\.:!/?#@€&(){}|[]"“” \_ \_ \_

⌘ ...<>«»`^',fi fl "' + \* ^ < = > % - ± x ÷ | ~ . , ..

Nesta perspectiva, uma formação segura e refletida do professor de Português na área da Lingüística é fundamental, sem esquecer aquelas disciplinas, como a Pragmática e a Lingüística Textual, que tomam em consideração as dimensões sociais e textuais dos discursos. Os ensinamentos destas disciplinas deverão estar presentes na formação inicial dos professores de Português, para que eles possam agir intencionalmente nas aprendizagens dos alunos, não só a nível da leitura, como também a nível da produção oral e escrita. Os alunos devem ser capazes de escrever textos bem articulados de diferentes tipologias: cartas, dissertações, narrativas,

Nesta perspectiva, uma formação segura e refletida do professor de Português na área da Lingüística é fundamental, sem esquecer aquelas disciplinas, como a Pragmática e a Lingüística Textual, que tomam em consideração as dimensões sociais e textuais dos discursos. Os ensinamentos destas disciplinas deverão estar presentes na formação inicial dos professores.

g

ANTONIO

É ELECC

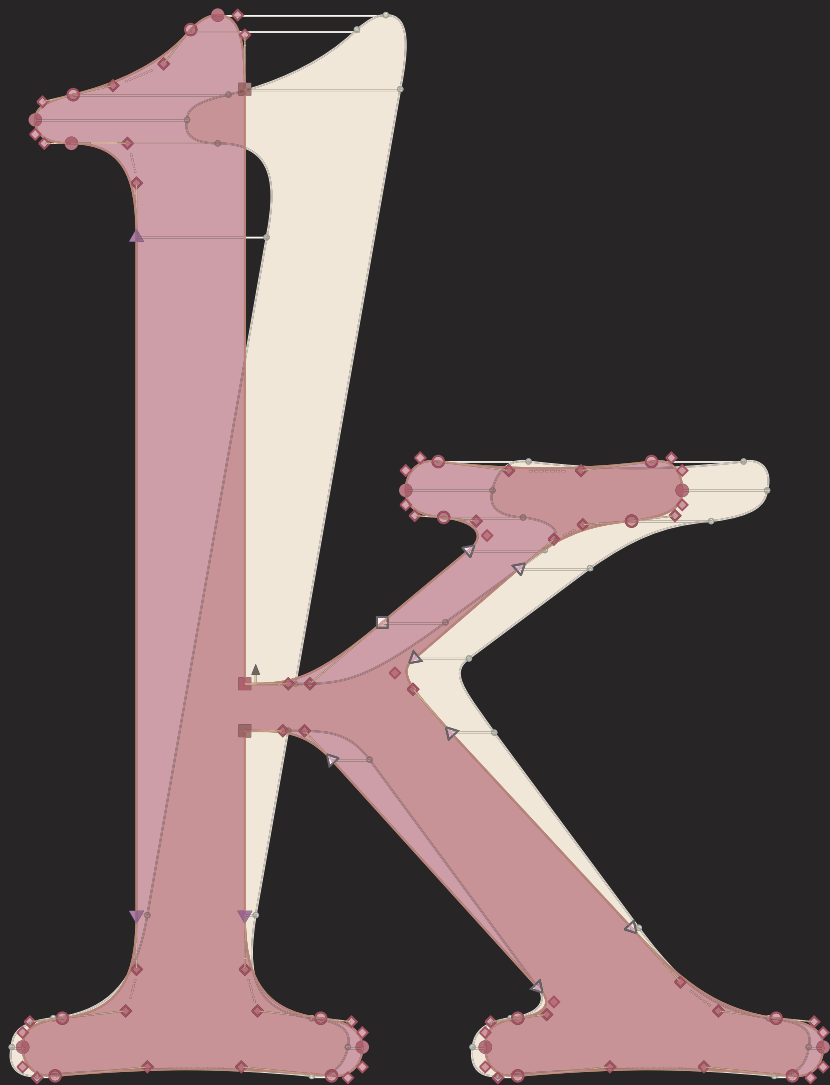
E CLÁ



NETTE

GANTE

SSICA



## *Presságio*

*O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar p'ra ela,  
Mas não lhe sabe falar.  
Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há de dizer.  
Fala: parece que mente...  
Cala: parece esquecer...  
Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
P'ra saber que a estão a amar!  
Mas quem sente muito, cala;  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!  
Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar,  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar...*

— *Fernando Pessoa*

D C

1 2 3 4 5 6 7 8 9

I Y





Este inútil pardieiro (como lhe chamava Vilaça Junior, agora por morte de seu pai administrador dos Maias) só veio a servir, nos fins de 1870, para lá se arrecadarem as mobílias e as louças provenientes do palacete de família em Benfica, morada quasi histórica, que, depois de andar anos em praça, fora então comprada por um comendador brasileiro. Nesta casa vendera-se outra propriedade dos Maias, a Tojira, e para essas pessoas que em Lisboa ainda se lembravam de Vilaça, desde a Regeneração elles viviam retiradas em Santa Olavia, nas margens do rio Tejo. Vilaça se essa gente estava at-

## II. A estrada

Apesar deste fresco nome de vivenda heite, sombrio casarão de paredes seculares de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, uma tímida fila de janelinhas alva, tinha o aspecto tristonho de um templo que competia a uma edificação do século XVIII. O Colégio de Jesuítas, o antigo convento de um certo dum revestimento de madeira e de um painel no lugar heite, chegara a ser coberto de grãos e de pedras. Longos de...

campestre, o Ramal-  
veras, com um renque  
primeiro andar, e por cima  
brigadas à beira do telhado,  
Residência Eclesiástica que  
o reinado da Sr. D. Maria I. com  
cruz no topo assimilar-se-ia a um  
nome de Ramallete provinha de  
quadrado de azulejos fazendo  
Escudo de Armas, que nunca  
e representando um grande ramo  
do por uma fita onde se distinguam letras e

do por uma fita onde se distinguam letras e  
uma data.  
anos o Ramallete permanecera desabitado, com  
paranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrin-  
de tons de ruína. Em 1858 Monsenhor Bucarini, Nuncio  
S. Santidade, visitara-o com ideia de instalar lá a Nuncia-  
tura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz  
dormente do bairro: e o interior do casarão agradara-lhe  
também, com a sua disposição apalaçada, os tectos apainela-  
rosas das grinaldas e as faces dos Cupidinhos.  
Mas Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado  
mano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas  
ardim de luxo: e o Ramallete possuía apenas, ao  
um terraço de tijolo, um pobre quintal inculto,  
as ervas bravas, com um tanque entulhado, e uma es-  
ca seca, um tanque entulhado, e uma es-  
londe Monsenhor reconheceu logo  
s. Além disso, a renda na lenta humi-  
Maías, pareceu tão exagera-  
sorrindo se ainda julga-

# Mapa de caracteres

A a B b C c D d E e

F f G g H h I i J j

K k L l M m N n O o

P p Q q R r S s T t

Z z Á á À à Ã ã Â â

Ç ç É é È è Ê ê Í í

Ì ì Î î Ï Ó ó Ò ò Õ

õ Ô ô Ú ú Û ù . ... :



, ; ! ? ( ) { } [ ]  
 | - \_ — ‘ ’ “ ” ’  
 < > « » # @ ¤ € & fi  
 fl ff fr ft tt Æ æ Œ œ 0  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |  
 + - ÷ × = ± \* ^ < >  
 ~ %



FBAUP/ MDGPE

